

CEDI - P. I. B.
DATA 30 04 93
COD. XBD 00047

RELATÓRIO A COMPANHIA VALE DO RIO DOCE
FEVEREIRO - MARÇO DE 1993

OS INDIOS XIKRIN DO BACAJA

LUX VIDAL

ANTROPOLOGA ASSESSORA DOS INDIOS XIKRIN DO BACAJA

Permaneci na aldeia do Bacajá 17 dias (28-02-53 à 17/03/93). No dia 18/03 mantive contatos com o administrador regional da Funai em Altamira, Sr. Benigno Pessoa Marques. No dia 19/03, mantive contato com o administrador regional da FUNAI em Belém, Sr. Frederico de Miranda Oliveira e no dia 20 com o padre Mello do CIMI Norte I e o padre Renato da Prelazia do Xingú.

Os nossos objetivos eram os seguintes:

- 1) Levantamento atualizado da situação dos Xikrin do Bacajá.
- 2) Dando prosseguimento ao trabalho realizado em 1992 (vide meu relatório à CVRD, março de 1992 pp. 1-5), informar os índios sobre a situação fundiária de sua Reserva e dos encaminhamentos efetuados para a concretização da demarcação do Trincheira-Bacajá, por parte da FUNAI de Brasília e entidades de apoio ao índio (NDI, CEDI, CPI/SP).
- 3) Ouvir os índios sobre as invasões de madeireiras e garimpeiros em sua Reserva e as providências que eles pedem para afastar estes invasores [vide documento em anexo].
- 4) Levantamento das necessidades da comunidade, discutido com os índios.

De um modo geral a situação dos Xikrin do Bacajá é satisfatória. Em 17 de março de 1993 contavam com 231 indivíduos (em março de 1992 eram 210), o que se configura em um aumento demográfico significativo. A aldeia de formato circular tradicional se compõe de 21 casas, hoje muito próximas e bastante povoadas. Os índios constroem grandes cozinhas atrás das casas que abrigam o forno de pedra, o *Ki*. Atrás das cozinhas há um certo número de banheiros improvisados. No centro, o pátio, sempre muito limpo, é o lugar da convivência comunitária.

No Posto, encontrava-se apenas o Sr. Valter Avelino da Silva, enfermeiro e hoje também chefe de Posto. A boa saúde do grupo e a aparente tranquilidade nas relações e atividades cotidianas se deve, em parte, ao trabalho e dedicação deste funcionário da FUNAI.

O Posto continua a funcionar em condições precárias. A Farmácia e a Escola são construções desgastadas e inadequadas para os serviços que deveriam prestar.

Foram construídos dois poços Amazônicos cobertos e espera-se a finalização desta obra com a instalação de mais quatro caixas de água.

Para qualquer construção futura ou benfeitorias para o Bacajá é necessário um estudo bem integrado para não cometer erros e desperdiçar recursos. Foi construída no pátio (!) da aldeia uma estrutura de concreto com duas torneiras para o

abastecimento de água, cercada de arame farpado (!). Uma das casas, próxima à torneira, fica sempre alagada. Além de ser o pátio lugar totalmente inadequado para colocar torneiras, o arame farpado e o alagamento de uma casa devem ser evitados.

Esperamos que para a localização da lavanderia, construção de banheiros (segundo projeto proposto pelo Dr. Fernando), da farmácia e da escola seja elaborado um projeto adequado. A arquiteta Katia Genes da CVRD, em colaboração com Lux Vidal poderiam conceituar este projeto. Os índios também precisam ser bem informados e consultados.

SAÚDE

A saúde no Bacajá parece satisfatória. O Chefe de Posto Valter Avelino da Silva fez em novembro de 1992, na SUCAM e SESP em Altamira, um curso de leitura de lâminas. A malária parece estar sob controle. Há um microscópio bi-ocular novo na farmácia além de uma estufa para esterilização e instrumentos cirúrgicos simples. Também não faltavam remédios nas estantes, uma situação bem melhor da do ano passado quando constatamos a falta total de medicamentos.

Seria oportuna a contratação de um auxiliar de enfermagem porque o Chefe do Posto está sobrecarregado de tarefas.

Durante os 3 primeiros dias de nossa estadia estava no

Bacajá a equipe médica da FUNAI/CVRD. A dentista, Dra. Maria do Socorro Borja da FUNAI de Belém, por falta absoluta de infra-estrutura se limitou apenas à extração de dentes. É necessário um trabalho preventivo, especialmente quando sabemos que grande parte da alimentação indígena pede uma boa mastigação dos alimentos. A Dra. Maria do Socorro me disse que o Dr. Aldo Lo Curto, médico italiano que da assistência aos Asurini e Araweté do Xingú, havia doado um equipamento odontológico portátil à FUNAI de Belém, mas faltavam recursos para a aquisição de material de consumo. A dentista deveria fornecer uma lista do material necessário à CVRD, para tornar o seu trabalho mais eficiente e preventivo.

EDUCAÇÃO

A atuação da escola no Bacajá é bastante irregular. Atualmente estão na aldeia duas professoras formadas e pagas pelo CIMI. Possivelmente, com uma orientação adequada elas possam realizar um bom trabalho. É preciso também, iniciar a formação de um ou dois monitores indígenas. Seria oportuno pedir uma assessoria à antropóloga Isabelle Giannini, do Centro Mari de Educação Indígena da USP que vem orientando as professoras e um índio monitor na aldeia do Cateté. Os índios do Bacajá me pediram muito a visita de Isabelle com este objetivo. Há também todo um trabalho de educação informal que deve prosseguir a medida que se intensificam os contatos com a sociedade envolvente. Pretendo eu mesma

continuar nesta linha. Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, viajou comigo a aluna Clarice Cohn, do curso de antropologia da USP, dando continuidade a pesquisa antropológica na região.

TRANSPORTE

Além do transporte aéreo programado, o transporte pelo rio é muito importante, especialmente em certas épocas do ano. Sendo assim, os barcos devem estar sempre em boas condições com os motores em bom estado de funcionamento, não podendo faltar combustível para os deslocamentos necessários: transporte da castanha, transporte de itens mais pesados para a infra-estrutura do Posto, deslocamentos em barcos menores para o trabalho em roças ou pontos de caça bastante afastados da aldeia. Os índios possuem um barco grande de 3 toneladas e 2 menores de 1 tonelada. Segundo o Chefe de Posto e a comunidade seria necessária a compra de um rabudo 10 ou 12,5 com a rabeta.

Para o bom funcionamento dos motores, tanto os dos barcos com os da aldeia, seria oportuno contratar um mecânico para a aldeia que possa também ajudar no transporte e outros serviços mecânicos. Por exemplo, durante a nossa estadia, além dos problemas com o barco, deu um defeito na maraca do poço e se o mecânico da FUNAI não estivesse por coincidência na aldeia, o poço não estaria funcionando. Julgamos imprescindível também a formação de um índio como mecânico profissional. O Sr. Benigno me disse que existem

excelentes oficinas em Altamira e que não haveria problema em encontrar uma pessoa disposta a trabalhar com um índio durante 1 ou 2 meses.

ATIVIDADES PRODUTIVAS

Os Xikrin vivem essencialmente da caça, pesca e produtos da roça. Visitamos várias roças que se localizam ao longo das duas margens do rio Bacajá, ao norte e ao sul da aldeia. Além dos produtos tradicionais plantam hoje muita mandioca brava, aumentando sensivelmente a produção tanto de farinha como de tapioca.

Alguns índios vem plantando arroz, cacau e pretendem também plantar feijão. Tudo isso em roças de formato e dimensão tradicional.

Não tem faltado caça na aldeia mas a munição estava acabando. O rio Bacajá continua problemático por causa dos garimpos implantados ao sul da Reserva e que devem, assim como as madeireiras, ser definitivamente afastados da área.

Os índios precisam também desenvolver alguma atividade remunerada para a compra de bens hoje imprescindíveis. Este ano, os Xikrin resolveram assumir em condições difíceis, a coleta e venda de castanha. Esta atividade pede um grande esforço da comunidade. Os homens ficam longe de suas famílias de 15 a 30 dias. É preciso produzir grandes quantidades de farinha para levar no mato e assegurar o alimento para os que ficam na aldeia, sendo que todos os

homens caçadores não podem se afastar ao mesmo tempo da aldeia. Precisam também de ferramentas e munição para caçar e se alimentar no mato.

Este ano, permaneceram a jusante do Bacajá 20 homens durante 18 dias, conseguindo um total de 256 caixas de castanha. Ao regressar desta primeira fase da coleta o motor do barco quebrou novamente, sendo que os índios tiveram que subir a remo desde o rio Manezão. A notícia veiculada pelo representante da CVRD, na aldeia, de que esta companhia não forneceria munição para a caça, abalou um pouco o animo dos índios. Neste momento em que a FUNAI, as ONG's, antropólogos e índios lutam contra os invasores dos territórios indígenas, procurando incentivar atividades produtivas alternativas, a CVRD deveria entender um pouco melhor a situação e colaborar. O Chefe de Posto e eu mesma argumentamos com os índios que apesar de todos os sacrifícios valeria a pena realizar a segunda etapa da coleta. Era uma tarefa que haviam assumido e não seria oportuno largar o empreendimento a meio caminho. Argumentei que o fornecimento da munição para a caça, isto é para alimentação e consequentemente saúde, poderia ser rediscutida com a CVRD. Os índios finalmente se convenceram e depois de nossa saída cortavam castanha na região da aldeia. Não subiram a montante do Bacajá por falta de água no rio e igarapés. Como não se podia falhar neste momento, ao chegar em Altamira assumi pessoalmente financiar o reparo do barco (9 milhões) e a compra de munição (5 milhões). Não

sabemos ainda qual foi o lucro total conseguido este ano com a venda da castanha. É uma atividade, porém, que deve ser estimulada e para os próximos anos melhor planejada.

Em resumo

- 1) Continuar a campanha para a demarcação da Reserva Trincheira-Bacajá.
- 2) A pedido dos índios, que seja realizada pela FUNAI uma perícia técnica dos danos causados na área indígena (estradas e ramais) e contagem da madeira extraída ilegalmente da Reserva.
- 3) A pedido dos índios, a retirada imediata dos garimpos que atuam em área indígena e nas cabeceiras do rio Bacajá.
- 4) Apoio da CVRD.
 - 4.1. Area da Saúde
 - 4.2. Transporte
 - 4.3. Combustível
 - 4.4. Para 1994: construção da Farmácia e da Escola de acordo com um projeto. Apoiar um programa de Educação Indígena.
 - 4.5. Para as atividades produtivas e este ano ainda, fornecimento de ferramentas agrícolas e munição para caça.
 - 4.6. Dar o apoio necessário para a coleta da castanha em 1994.
 - 4.7. Custear a formação de um índio em mecânica, em Altamira.

①

Aldeia Xikriu do Bacajá

Declaração do chefe da comunidade, Bep-Tok, também conhecido como Onca, no dia 07-03-93, de noite na casa dos homens. Discurso gravado em Kayapó e traduzido pelo índio Katendjô.

O pessoal vem dizendo que vai demarcar a nossa terra, mas até agora não demarcou. Isto prejudica a gente muito. Os madeireiros ficam dizendo "ninguém sabe se esta terra é de vocês. Mas mesmo assim vamos dar uma pequena ajuda a vocês"; é isso que eles falam para nós. Então eu fiquei com medo de perder a madeira derrubada. Se eles derrubaram e vão roubar, então eu quero receber pelo menos o dinheiro.

Eu nunca fui a cidade atrás de madeireiros para fazer acordo com as madeireiras. Quando eu percebi, elas já estavam aqui, e aí eu precisei entrar em acordo, porque já tinha muita madeira no chão. De repente, eu tive que entrar em acordo.

Olha bem, eu quero demarcação de nossa terra logo. Nós não queremos mais as madeireiras aqui. Elas começam a estragar a minha terra, a espantar a caça. Vocês já me falaram, já me explicaram tudo, eu concordo com a Fouai também, para colocar as madeireiras fora, mas eu quero a

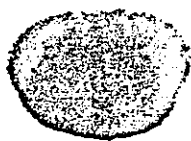
demarkações. Mas quero a minha terra toda recortada, que depois só dá para fazenda de boi. Eu não gosto e as mulheres não gostam de boi, gostam de caça e eu gosto de matar mesmo.

Eu emcorado, eu quero acabar com as madeireiras. A Pirachi tinha muita madeira.

Agora se acabou a madeireira, então o pessoal vai ter que nos ajudar também, mandando o avião quando tem doentes. Ajudar com munição para caçar e comer, e com combustível para o barco. O barco e o motor tem que funcionar. É o que nos temos para carregar a castanha que nos estamos coletando, e as feijões que nos vamos plantar, e o artesanato, tudo para vender em Altamira.

Este ano estamos fazendo coleta de castanha lá em baixo no Teriana e 26 e lá em cima no Goraba, que tudo isso é a nossa terra também. Se o preço da castanha estiver bom, nos vamos dar duro na coleta da castanha para vender.

É isso aí.



Bep-Tok

(2)

Fala gravada do líder Bep-Djoiti 08-03-93

Eu quero a demarcação agora para este verão, para ninguém mais entrar. Eu ouvi no rádio de Tucumã que fecharam barreira contra madeireiras. Para todos. Está muito bom. Se é para todos está muito bom.



Bep-Djoiti

Fala gravada do líder Bep-Keiti 08-03-93

Para tirar garimpeiro e madeireira a Funai pode ajudar. As invasões prejudicam muito, dá doença. Eu estava do lado das madeireiras porque estava com raiva. Quero a demarcação. A demarcação não vem, eu estou com raiva. Agora estou mais tranquilo.

Nós queremos avião para retirar os doentes e precisamos de munição para caçar e comer. A munição é muito cara para nós.

A madeireira Angelim, que é o Jorge e o Mucum de Tucumã que estão tirando a madeira para ela, há muitos meses ainda está vendendo um saldo. Nós tem ainda do outro lado do rio muita madeira no chão. O que vai acontecer com aquela madeira no chão?

Agora precisa o Benigno mandar alguém olhar o serviço que foi feito no corte de madeira, fazer a contagem da madeira.

no chão, para indenizações

Eu vou esperar a demarcação e a contagem do corte da madeira. Agora, se a FUNAI vai fazer nada para nós, eu vou mexer de novo com madeireira, porque nós podemos ficar sem nada e pode acontecer alguma coisa. Se vai temos munição como vamos fazer?

Eu estava com raiva e não queria saber mais nada da FUNAI. Nós precisamos de um dinheiro para qualquer necessidade e emergência. Porque eu tenho que pensar, eu não sou criança.

Antigamente era só o rancho e os velhos faziam arco e flecha. Agora as crianças já conhecem outras coisas que agora precisamos. Quando sair a demarcação vamos fazer um projeto.

Bem, agora vou confiar e esperar,



Bep-Keiti

③

Fala gravada do líder Tedjôre 08-03-93

Quero a demarcação da Terra - Fechou o negócio da madeira, muito bem, não quero mais mesmo. Mas precisa demarcar. Precisa de remédios, motor funcionando, munição, uma farmácia e uma escola. Tem as coisas que nós precisamos - Senão ficamos sem nada.

Uma pessoa precisa fazer a contagem da madeira derrubada e da madeira que ficou no chão. Quanto que foi mesmo. Quanto estragaram de nossa mata toda. Para mandar pagar, indenizar. Não quero que a madeira apodreça no chão. Vai ter que indenizar. A gente espera, espera, e aí não vem, ficou com raiva. Nós não somos crianças. Mas estou brincando.



Tedjôre

Fala do líder Bemoyá 08-03-93

Quero que a demarcação saia logo. Desde criança que eu ouço falar nesta demarcação, já estou velho e de cabelo branco e ainda não saiu. Eles demarcaram uma terra muito pequena. Toda a nossa caça, roças e castanheiras ficou por fora. Precisamos de munição e ferramentas para

trabalhar a terra. Eu já plantei uma roça de arroz este ano. Vamos fazer plantações de feijão. Nos mesmos para vender. Quero a demarcação mesmo, é isto que eu quero.



Fala do líder Bep Krã 08-03-93

Os garimpeiros estão há muito tempo no Manezã e também lá encimando sujando o nosso rio. Demarquem a terra e botem para fora. Há dois anos a madeireira Perachi tirou madeira entre o Rio Chapu e Carepanã. Não pagou nada. Também por aqui atrás fez estrada e pista e retirou muito mogno.

No tempo que o garimpo Manezã funcionava, ainda davam alguma coisa, agora não dão nada. Então se já fecharam para as madeireiras que fechem também para o garimpo e os coloquem para fora também.

Parece que a FUNAI está com medo destes garimpeiros e nos fecha o garimpo, assim eles ficam roubando o ouro de nossa terra.

A madeireira Perachi de tantos anos

④

enrolar não deu nada e a Angelim
ainda deu algumas cozinhas, algum
rancho para comer. Tirox muita madeira
quero a demarcação para esse ano,
senão esse povo aí vai começar a entrar
de novo.



Rep. Krã